

Como ser roqueiro quarentão

Quando amigos de colégio ou faculdade se juntam para levar um som e fazer umas musiquinhas, qual a chance de a bandinha deles vingar e durar 20 anos? Os Beatles não duraram. E a probabilidade de se chegar às duas décadas fazendo sucesso, renovando o público e ganhando prêmios? Pois grupos do rock brasileiro formados nos anos 80, como Titãs, Kid Abelha, Paralamas do Sucesso e Capital Inicial - este com uma breve interrupção - estão atingindo essa marca, todos em bons momentos profissionais. Enquanto isso, boa parte da geração 90 enfrenta problemas, sejam de brigas ou de queda nas vendas - dos Raimundos ao Rappa, do Jota Quest aos Hermanos. Os quarentões conseguiram manter-se unidos, resistir às inevitáveis crises e estão loucos para estourar o champanhe e cair de boca em 2003. O GLOBO reuniu Paula Toller, cantora do Kid Abelha - que, além de manter seu grupo em atividade, está envolvida na criação da Associação Brasileira dos Criadores de Disco (ABCD), nos moldes da entidade das grandes gravadoras, a ABPD, para representar os artistas - e os bateristas João Barone, dos Paralamas, e Charles Gavin, dos Titãs, para a conversa que se segue.

O que é preciso para uma banda durar 20 anos?

Gavin - Titãs: No nosso caso, a gente gosta de tocar junto, isso é mais forte do que qualquer coisa. Gostamos de tocar, de fazer música e shows juntos. Somos uma banda essencialmente de estrada. Prova disso é que, mesmo com a morte do Marcelo Fromer, há um ano e meio, e a saída do Nando Reis, alguns meses atrás, já vamos gravar um disco novo. Acredito que a gente ainda tem muita coisa a dizer.

Paula - Kid Abelha: Não vou entrar na comparação entre as gerações, acho que é um reflexo de um momento muito específico. Acho que o nosso aniversário de 20 anos é resultado de um trabalho de muita ralação. Fomos melhorando, tocando melhor, compondo melhor.

Barone - Paralamas do Sucesso: Nunca nos sentimos como um artista estabelecido. Temos que matar um leão por disco. Se tem uma regra que sempre nos orientou, é que não podemos nos sentir estabelecidos, muito menos no Brasil. Houve um momento de euforia no mercado fonográfico daqui, mas sabemos que o showbiz é muito inconstante. Não podemos pensar que fizemos a fama e deitarmos na cama. Cada disco novo é um recomeço.

Por que as bandas dos anos 90 estão em um momento comercial pior do que o de vocês?

Gavin - Titãs: Nós também atravessamos crises, faz parte do amadurecimento. Acho que esses grupos, que são mais jovens do que a gente, estão passando por essas fases que nós já atravessamos. A gente também se questionou, perguntou tudo. Acho que a gente tinha uma estrutura boa, discutíamos tudo, não tínhamos líder, isso nos ajudou a respeitar as diferenças, mais do que muita gente que tem por aí. Acho que sustentar uma banda é difícil. Nós, dos Titãs, dos Paralamas e do Kid Abelha, hoje somos exceções.

Barone - Paralamas do Sucesso: Acho que artistas como nós têm tanto tempo no mercado que adquirimos uma solidez, fruto desse aprendizado que a Paula falou. Temos uma associação sólida o suficiente para durar o tempo necessário para o que pretendemos fazer. Isso chama a atenção exatamente em um momento em que algumas bandas que vieram depois da gente não tiveram essa solidez. Até hoje fico inconformado de ver, por exemplo, os Raimundos desmembrados. É estranho ver como estava tudo indo tão bem e de repente, por uma razão ou por outra, saíram dois integrantes.

Paula - Kid Abelha: Não vou julgar, mas tenho a mesma impressão que me vem quando sei de algumas separações. No primeiro problema, o casal se separa. De repente há uma imaturidade. Problemas existem em qualquer trabalho. Quando há uma equipe, como uma banda, é mais complicado ainda.

Qual a diferença entre as gerações dos anos 80 e 90?

Gavin - Titãs: A nossa geração pensa muito diferente desse pessoal mais novo, são valores muito diferentes. Acho que, apesar de todos os problemas que a indústria fonográfica e a economia do Brasil enfrentaram, os Titãs sempre passaram por essas crises acreditando que a melhor coisa era ficarmos juntos. O Nando foi o último a questionar isso. Nós, os cinco que sobramos, continuamos gostando de estar juntos.

Barone - Paralamas do Sucesso: Talvez essa turma toda tenha encontrado uma realidade muito diferente da que a gente encontrou. Na nossa época a coisa era muito mais dura, você tinha que fazer mais concessões.

Paula - Kid Abelha: A gente meio que inaugurou o mercado como ele é hoje. Na época, havia uma velha-guarda nas gravadoras, nos rádios e nos jornais. A nossa geração mudou tudo, ajudou a criar um novo mundo, de certa forma.

Barone - Paralamas do Sucesso: A gente foi meio boi de piranha nessa coisa da superexposição do rock. Não vou ter a arrogância de dizer que o rock brasileiro começou nos anos 80, porque sabemos que isso não é verdade. As bandas foram muito expostas, naquele momento depois do Rock in Rio 1, na abertura política, e com o Circo Voador e a Rádio Fluminense. A gente foi pegando um suingue com tudo o que ia acontecendo. Éramos novos, inexperientes, e fomos aprendendo, brigando, o que talvez seja muito diferente do que aconteceu na década de 90, quando as bandas já pegaram uma certa estrutura pronta.

Paula - Kid Abelha: Por outro lado, para eles há uma cobrança muito maior. O fato de termos começado essa grande exposição do rock brasileiro - que vinha da Jovem Guarda e depois passou por uma fase muito underground - nos fez adquirir um certo respeito. Ninguém chega para nós e nos diz como fazer o nosso disco. Mudamos de gravadora e mesmo assim ninguém se mete, a gente é que convida o pessoal da gravadora para ouvir o disco, quando achamos que já está na hora. Vejo muitas bandas hoje em dia muito presas, querendo fazer sucessos. A gente não tem essa visão. Essas três bandas têm um monte de sucessos, mas, se você me perguntar como se faz um sucesso, eu não sei. Não existe uma fórmula.

E quais são os planos para 2003?

Gavin - Titãs: Estamos encerrando a turnê de "A melhor banda de todos os tempos da última semana", que foi ótima, o disco ultrapassou as 250 mil cópias vendidas e "Epitáfio" foi a segunda música mais tocada no Brasil em 2002. Já estamos nos encontrando para compor o repertório do próximo disco, e devemos começar as gravações no primeiro semestre.

Barone - Paralamas do Sucesso: Vai ser um ano de muito trabalho. Ficamos surpresos com as vendas de "Longo caminho" nesses primeiros meses, que já são próximas dos 300 mil discos. Acho que ainda temos lastro para tocar muito pelo Brasil durante todo o ano de 2003.

Paula - Kid Abelha: Estamos apenas começando a turnê do disco "Acústico MTV", que deve nos tomar o ano inteiro também. O nosso disco anterior, "Surf", não teve vendas muito boas e mesmo assim tocamos, ao todo, para cerca de 500 mil pessoas, fora o Rock in Rio 3. Então, certamente, estaremos muito ocupados.

Por: Bernardo Araujo
(publicado em O Globo)